

Passado e presente em sintonia na Graça

PATRIMÔNIO
Bairro agrega relíquias que ajudam contar a história da Bahia

NOSSO BAIRRO



CLÁUDIA OLIVEIRA

"Não sairia daqui para morar em nenhum outro lugar do mundo. Sou carioca porque nasci de sete meses". A descontração e sentimentos embutidos nessa frase do advogado Zezé Catharino demonstram bem o apego que os moradores da Graça têm pelo bairro. No alto de uma colina que já foi terra e tribo dos índios tupinambás, cuja história é rica em lendas, realidades e personagens, está situada a Graça. Trata-se de um bairro que, apesar do progresso, ainda conserva, entre suas ruas e arvoredos, verdadeiras relíquias arquitetônicas que não só ajudam a entender melhor as origens da cidade, mas também a dos antepassados do povo baiano.

Historiadores acreditam que a expansão da Graça precede à fundação da cidade do Salvador. Basta tomar como referencial a Igreja Nossa Senhora da Graça, um dos grandes marcos do bairro. Construída em 1530, é considerada a mais antiga da América Latina, a primeira a ser erguida no Brasil, como consta no arquivado da Secretaria Eclesiástica da Arquidiocese da Bahia.

A igreja teria sido construída a pedido da índia Bartira, denominada Catharina Paraguassu em homenagem à rainha da França da época, que se chamava Catharina. O novo nome foi atribuído a ela após ter se casado com o naufrago português Diogo Álvares Correia, o "Caramuru". Antônio José de Carvalho, dono do Solar dos Carvalhos, ou Tom Zé, como é mais conhecido, diz que Diogo Álvares recebeu este nome durante confronto com os índios. "Contam que ele naufragou na costa do Rio Vermelho e quando os índios foram abordá-lo ele deu um tiro pa-

ra cima. Foi quando os índios teriam o evocado Caramuru ou "Deus do Trovão". Além de ser aceito pela tribo, Caramuru acabou casando com Bartira, a filha do cacique Tibiriçá. "Quando Thomé de Souza chegou a Salvador, em 1549, dizem que Caramuru já estava velho e com mais de 30 filhos", comenta.

A igreja, que está sendo restaurada, teria sido fruto de sonhos de Catharina. Levantamentos do próprio clero dizem que Catharina sonhou dias seguidos com uma senhora vestida de branco segurando um menino nos braços. Quando os índios foram à praia encontraram a imagem reconhecida como sendo de Nossa Senhora da Graça. Catharina então mandou construir a igreja para abrigar a imagem, doando as terras da Graça ao Mosteiro de São Bento após ter ficado viúva.

Basta percorrer as ruas da Graça para perceber que presente e passado se fundem e formam um conjunto em sintonia. Além da igreja, belas mansões dividem espaço com os espigões de luxo. Fatos que identificam o perfil do bairro como sendo de elite, um dos metros quadrados mais caros da cidade. Bem ao lado da igreja, outro retrato da burguesia sotero-politana está erguido. O Solar Carvalho chama a atenção pelas características de época. Construído em 1890, é o único chalé alpino dentre os erguidos na Bahia que ainda está mantido com suas características originais.

O solar tem gradis de ferro importados da Europa, mármore italiano nas escadas e varandas, vidros jateados franceses da fábrica Bacari nas portas e janelas. Com mais de 60 cômodos, a mansão tem esqueleto de ferro fundido importado da Escócia. Parte dele

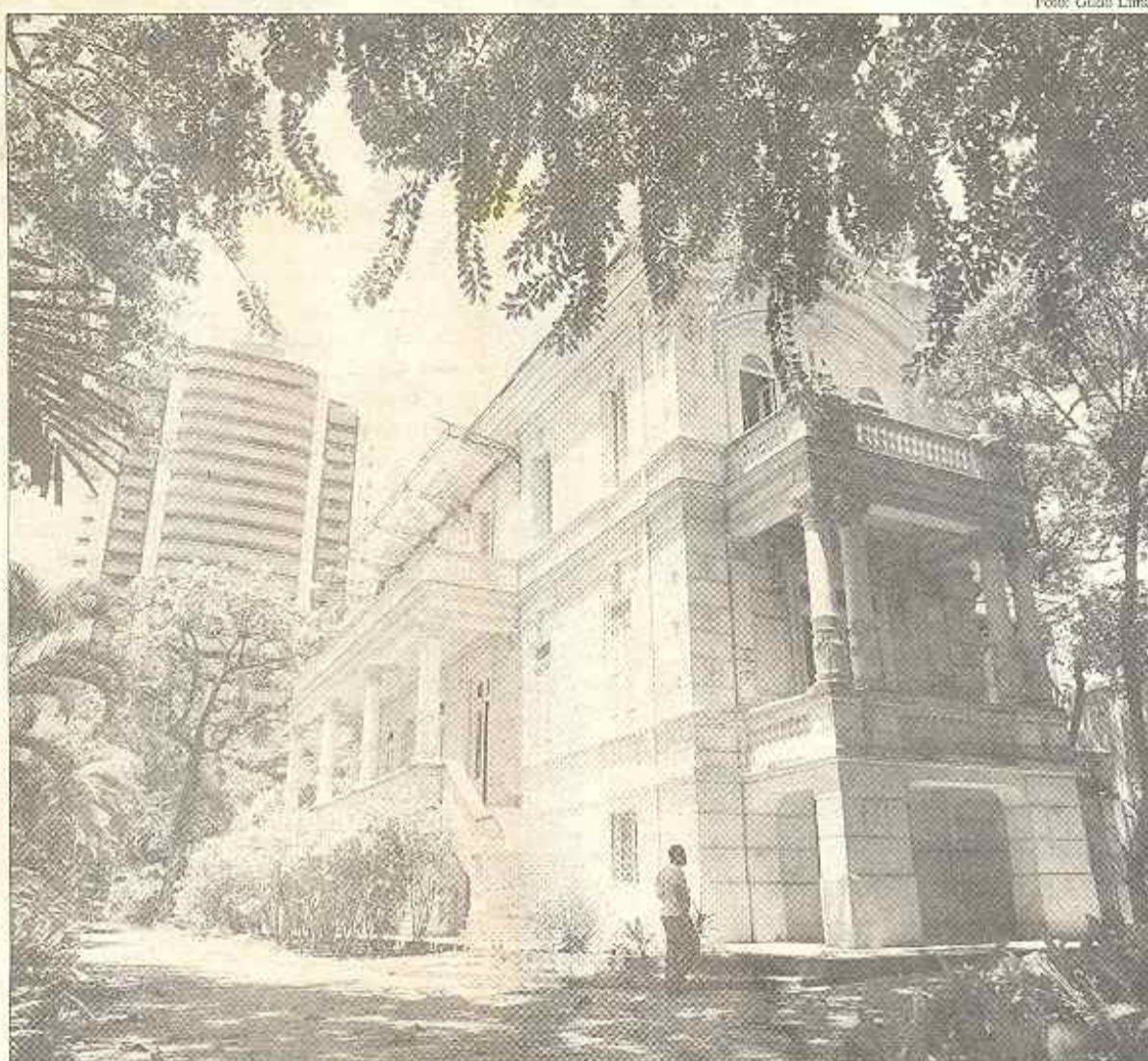


Foto: Gláucia Lima

Um dos núcleos originais da cidade, o local caracteriza-se como tradicional reduto da elite

está aparente nas imponentes colunas da varanda. A riqueza do solar é visível por fora e por dentro, onde todo o mobiliário original é conservado, inclusive os lustres de bronze, louças, pratarias e pinturas dos afrescos da parede feitas pelo italiano Tomás Rossi. No chamado salão dourado, móveis franceses originais pintados com ouro. "A casa foi construída por meu bisavô Manoel Joaquim de Carvalho e está sendo ocupada pela sexta geração. É tombada pelo Iphan, mas não é fácil preservar. É muito caro. Só de IPTU pagamos R\$ 12 mil por ano e não recebemos incentivo nenhum para preservar este que é um patrimônio da cidade", comentou Tom Zé.

Amizades em abundância

A Graça também se tornou "auto-suficiente" em termos de comércio. "De tudo você encontra aqui, bancos, farmácias, supermercados, igrejas, panificadoras. O clima é fresco, tranquilo, ainda é um bairro seguro", comenta a moradora Yvone Ribeiro do Vale, sentada no jardim. O vendedor de frutas e verduras, Jaime Alves dos Santos, ou simplesmente "seu" Careca, é outra testemunha do progresso na Graça. "Vi tudo aqui mudar. Tem mais de 50 anos que trabalho aqui. Conheço muita gente, moradores famosos, como Antonio Carlos Magalhães. Gosto muito da Graça, das amizades. Foi trabalhando aqui que criei seis filhos", afirma.

O dono de uma banca de revistas, Edson Adalberto, também tem esta ligação com o bairro. "Vi o bonde passar por aqui com os homens vestidos de paletó, com suas bengalas e chapéus e as mulheres com seus vestidos longos. Vi muitas mansões sendo demolidas para a construção dos edifícios. O bairro se tornou comercial, mas aqui todo mundo se conhece", comenta.

A elegante senhora que passava pelo bairro com seus acessórios perolados, Celina Júlio da Silva, também fala do seu encantamento pela Graça e das grandes amizades. "Eu praticamente não saio daqui para nada. É um bairro seguro, ando por aqui à noite e nunca fui abordada. É uma tranquilidade. Aqui a gente tem a sensação de que não está num grande centro, tem muita gente conhecida". A idéia é compartilhada pela nova geração, como certifica a estudante Isabel Lopes. "Morar aqui é tudo pra mim. A cidade pra mim é aqui. A galera toda é daqui, todo mundo conhecido e tudo muito perto. Tipo assim, se eu tiver que morar aqui em Salvador no futuro, vou ficar aqui".

ONDE FICA



Editoria de Arte/A TARDE